

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
EDIÇÃO 2012

Tanise Peres Pereira Madeira Cavalheiro

VEM PRA RODA

Porto Alegre
2012

Tanise Peres Pereira Madeira Cavalheiro

VEM PRA RODA:
Contando Histórias na Educação Infantil

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Sergio Lulkin

Porto Alegre
Janeiro de 2013

Aos meus pais que sempre me incentivaram e estiveram comigo nessa caminhada.

Ao meu esposo, companheiro do dia a dia e de noites mal dormidas.

A minha família que acredita e torce por minhas conquistas.

Agradeço a todos que participaram dessa jornada em busca da conclusão da pesquisa de pós-graduação. Um agradecimento aos colegas e professores que durante um ano de estudo me acompanharam diariamente, em especial as colegas do mini grupo de orientação: Vanessa Farenzena, Fernanda Possamai Bastos, Sofia Ferreira e nosso professor orientador Sergio Lulkin. Não poderia deixar de agradecer a Susana, diretora da Escola de Educação Infantil Algodão Doce onde foi executada a prática, a turma Maternal II e as professoras Dionnara e Juliana, sem a disponibilidade de vocês e sua colaboração não teria sido possível. Muito obrigada a todos.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a contação de histórias na Educação Infantil como ponto de partida para o desenvolvimento do diálogo (momento de encontro) e também como facilitadora, proporcionando a inclusão de qualquer criança no desenvolvimento das atividades diárias. Parte do olhar dos futuros professores, analisa perspectivas através da prática de contações de histórias, sem esquecer do olhar cotidiano dos docentes da Educação Infantil. Fundamenta-se na triangulação teatro, contação de história e pedagogia e nos desdobramentos desta tríade, que acontecem amparados pelos estudos de Bernardo Zurk (2008) e Giuliano Tierno (2010) sobre contação de histórias, Celso Antunes (2010) sobre Educação Infantil e Vera Bertoni dos Santos (1999, 2012) a respeito da brincadeira e jogos de faz de conta.

Palavras chave: contação de história, teatro, Educação Infantil, jogos de faz de conta.

LISTA DE FIGURAS

-FIGURA 1 - Diálogo como intersecção.....	15
-FIGURA 2 - Ativadores do potencial imagético.....	16
-FIGURA 3 - Do diálogo ao potencial imaginário.....	17
-FIGURA 4 - Contação com o livro – Abordagem literária.....	23
-FIGURA 5 - Contação com objetos ou abordagem poética.....	25
-FIGURA 6 - Base para o encontro.....	26
-FIGURA 7 - Contação com multi-recursos.....	28
-FIGURA 8 - O instante do encontro.....	29

SUMÁRIO

-FORMANDO CÍRCULOS – INTRODUÇÃO.....	07
-ERA UMA VEZ... A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	11
-DAS QUESTÕES, A DÚVIDA E A PRÁTICA.....	18
O QUE FICA DOS QUESTIONÁRIOS?.....	18
CONTANDO HISTÓRIAS E VERIFICANDO POSSIBILIDADES.....	21
QUESTIONÁRIOS LONGOS NA ESCOLA ALGODÃO DOCE.....	30
-OS JOGOS DE FAZ DE CONTA E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	36
-MORAL DA HISTÓRIA... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	41
-REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

FORMANDO CÍRCULOS

INTRODUÇÃO

Terminar uma monografia sempre me pareceu algo distante, embora durante anos eu tenha tentado fazer outros cursos de pós-graduação, na hora de colocar no papel, alguma coisa ou outra acabavam por me chamar mais atenção e assim eu desistia. Mas desta vez formei tantos círculos ao meu redor, uma espécie de proteção e ao mesmo tempo um desafio, fechar um ciclo chegar ao fim.

Começo meu texto falando da felicidade de chegar até aqui e da dificuldade, porque só consigo concluir as coisas que se transformam em algo a mais, que tem significado e por isso escolhi a Contação de Histórias, sabia que se faltasse algo no caminho, se a motivação falhasse, sempre haveria uma nova história pra contar.

Sendo assim, formaremos círculos de pessoas, assuntos, crianças, todos ao meu redor, cada qual com milhões de possibilidades e com um comprometimento: a medida em que me ajudariam com a pesquisa, eu os ajudaria, dando algo em troca, formando círculos em infinitas intersecções.

Desde o projeto de pesquisa tive o mesmo orientador, isso me fez manter uma linha de pensamento, o que me ajudou bastante. Nunca esquecerei suas palavras logo no início do curso: “só precisa ser um trabalho honesto”, e é isso que encontrarão durante esta leitura, um texto honesto que surge a partir de incômodos verdadeiros, logo esta pesquisa nasce da necessidade que senti, enquanto professora de teatro, formada há mais de dez anos, de ampliar horizontes e principalmente como contadora de histórias na Educação Infantil, porque senti que era preciso bem mais que seguir um roteiro de aula.

O alicerce da pesquisa se encontra na triangulação “Contação de Histórias – Teatro – Pedagogia”, embasada nos estudos de Zurk (2008) e Tierno (2010), sobre Contação de Histórias, Santos (1999), sobre brincadeira, principalmente os jogos de faz-de-conta e Antunes (2010), sobre Educação Infantil.

Motivada pelo interesse no assunto contar histórias, por minha prática estar cada vez mais voltada para Educação Infantil, por buscar constantemente novos meios, formas e materiais e também pela inquietude que sentia cada vez que chegava para contar uma história e uma criança, de alguma forma, ficava de fora da roda, excluída do grupo.

Surgiram então várias questões que, de certa forma, nortearam a pesquisa, são mais de cinco anos em Livramento-RS contando histórias para crianças, era preciso refletir porque a contação de histórias, tão presente na educação infantil, é geralmente associada a livros? Como os professores utilizam a contação de história enquanto recurso pedagógico? A moral da história e o faz-de-conta estão presentes na contação e no imaginário das crianças? São as crianças que escolhem as histórias a serem contadas, suas opiniões e pedidos são levados em conta? Partindo dessas dúvidas latentes surge o cerne da pesquisa: *durante a hora do conto como é possível criar um momento de interação onde, através de uma linguagem clara e atraente, seja proporcionada a possibilidade de participação afetiva dentro da roda de qualquer aluno, com qualquer dificuldade?*

Contudo, sem dúvida nenhuma, a maior questão era *dentro ou fora da roda?* Enquanto professora quero os meus alunos *dentro ou fora da roda?* O autista, o hiperativo, o desatento, o teimoso, o mais tranquilo (...) *dentro ou fora da roda de contação de histórias?*

Achava injusto que alunos com quaisquer dificuldades especiais fossem tirados da roda na *hora do conto*, excluídos desse momento de socialização, privados de compartilhar experiências e vivenciar novas aprendizagens. Era preciso ir a campo, questionar e verificar possibilidades.

Antes de continuarmos a escrita, para que os círculos formados sejam bem compreendidos pelo leitor apresento primeiro um brevíário, que vem como organizador e também guia de ideias:

Círculos Básicos (Norteiam e estabelecem a pesquisa)

1º Círculo – Graduandos em licenciaturas

– Questionários curtos

2º Círculo – Crianças

– Contação de histórias

3º Círculo – Professoras/direção

– Troca de e-mails

– Questionários longos

Círculos Auxiliares (Presente em exemplos e entrelinhas)

4º Círculo – Reminiscências da infância

– Conhecimento tácito

5º Círculo – Turma Pedagogia da Arte 2012

– Minigrupo Orientação

– Orientador – *feedback*

A caminhada desta pesquisa começa quando a escola de educação infantil Algodão Doce (Sant’Ana do Livramento –RS) abre as portas para que durante quatro dias eu participe das aulas e atividades da turma “maternal II” (crianças entre 3 e 4 anos de idade) durante três oportunidades, conte histórias distintas na “hora do Conto”. É importante salientar que, apesar de já ter realizado trabalhos na escola, não sou professora da mesma e também faz-se relevante ressaltar aqui que a escola Algodão Doce é uma das poucas na cidade que acolhe e tem interesse em crianças com dificuldades de aprendizagem e necessidades educacionais especiais.

Na semana que antecedeu a ida à escola um questionário simples foi distribuído de forma aleatória na Faculdade de Educação (UFRGS) para trinta estudantes de variados cursos de graduação, contendo quatro questões sobre contação de histórias. O objetivo era, antes de ir para a prática, (1º Círculo) verificar relações entre educador e recurso pedagógico, identificando o que pensavam sobre contar histórias, se contam histórias, se as inventem e se recordavam de contação de histórias na infância.

Nos dias 22, 23, 24 e 28 de agosto de 2012 foram realizados os quatro encontros com as crianças da turma Maternal II (2º Círculo) da escola infantil Algodão Doce. No primeiro dia fui apresentada à turma e observei como funcionava a aula, principalmente a hora do conto, nos outros três encontros o que diferenciou foi a história ser contada por mim na hora do conto. Foram utilizadas três histórias diferentes, que foram escolhidas para que a turma se identificasse e assim ficasse próximo de seu universo imaginário. 1º dia de contação: A história de Juvenal e o Dragão – contação de história com o livro (Barros e Rosinha, 2010); 2º dia de contação: “A poltrona de piolho” – contação com objetos (Machado 2004) e 3º dia de contação: “A Vovó Dragão – contação com multi-recursos (Linhares, 2007).

Depois do trabalho de contação de histórias realizado na escola, foi encaminhado por e-mail um questionário, com dez questões (3º círculo), para as duas professoras da turma, direção e coordenação pedagógica, perguntando sobre as ideias a respeito da contação de histórias, a importância em sua formação o valor da contação para o desenvolvimento das crianças e suas percepções.

A partir das contações para o maternal II e do levantamento feito nos questionários, este trabalho tem como objetivo identificar o que os professores pensam sobre contar histórias, verificar possibilidades de incluir as crianças na roda, independente de suas diferenças e peculiaridades, e analisar a contação de histórias como círculo de vivências sempre na companhia de reminiscências da infância (4º Círculo) e pelo *feedback* dos pares (5º Círculo).

Assim os círculos aqui formados e descritos se entrelaçam e se completam, comprometendo-me com o resultado, ou seja, com a pesquisa como um todo, numa sobreposição que abre caminho pelos capítulos da monografia, isto posto: Vem pra Roda, aqui não é só um convite, mas uma possibilidade de ir além, buscando novas faces para a Hora do Conto e quiçá promovendo a contação de histórias dentro da Educação Infantil como condição e não mais como meio.

Ainda queremos ressaltar que nesta monografia trataremos entrelinhas de educação inclusiva, sem ter no entanto a pretensão de aprofundar ou esgotar o tema. Não falaremos de estigmas ou preconceitos, pois são formas de categorização que não acreditamos. Aqui a criança com dificuldade de aprendizagem ou necessidade especial, será tratada como parte do grupo de crianças, com singularidades como outra criança qualquer. A intenção durante a pesquisa foi através da contação de histórias promover oportunidades para que todas as crianças desenvolvam-se, cada qual ao seu ritmo, todas com as mesmas condições.

Vamos acender a fogueira, deixar queimar a lenha, enquanto isso, discorreremos capítulo a capítulo, porque quem conta um conto aumenta um ponto e de Era Uma Vez até Felizes Para Sempre temos um longo caminho de aventuras, mágica e descobertas. E vocês sabem com eu sei disso? Eu sei porque eu estava lá e vi tudo de pertinho pra depois lhes contar.

ERA UMA VEZ...

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Era uma vez uma turma de crianças agitadas que adora brincar; faça de conta que é uma criança da turma e agora imagine que sua história preferida vai começar, silêncio, todo mundo cooperando e de repente tudo se transforma, é mágica.

O universo infantil está cheio de faz de conta, de histórias de *era uma vez*, logo a educação infantil também sente necessidade de se utilizar desses recursos da *hora do conto* ou *contação de histórias* e o faz quase que diariamente, mas até onde vai a preocupação com o entendimento da história, com o que fica para as crianças?

Apesar de observarmos que contar histórias faz parte da rotina das escolas de Educação Infantil, o que elas levam em conta nesse momento? É um momento de criação? As crianças sabem por que participam daquilo todos os dias? Mais do que tudo, há diversão, descontração? E encantamento? É preciso despertar o mundo de magia que existe latente em cada criança. “O despertar para o aspecto mágico da atividade lúdica é fonte de prazer, e, sobretudo, de poder para as crianças (...)” (SANTOS, 1999, p.107). O faz de conta, a imaginação são relevantes na infância, além de fazerem parte do desenvolvimento e maturação de ideias, são um exercício repetido diariamente, uma forma de ver, resolver e se apropriar do mundo ao redor.

As histórias repetidas várias vezes, os personagens preferidos, o que encanta, o que move as crianças? O que as instiga? O que trazemos de novo? Há um desafio, uma proposição de descoberta? Ainda observando SANTOS (1999), na hora do conto, este momento especial da criança é a oportunidade ideal para proporcionarmos materiais para o desenvolvimento de sua imaginação, como professores e também como contadores, precisamos enriquecer a nossa contação, dando material para aventuras e encontros, tornando a contação um momento rico de trocas de experiências e conjuntamente de brincadeira.

A **Hora do Conto** pode ser enriquecida com fantoches ou mesmo com bonecos de borracha. O professor pode e deve manipular o material no momento em que conta a história para as crianças, mas é importante que elas também manipulem os livros e o material de apoio utilizado pelo professor e que tenham também a sua vez de contar a história (ou a sua versão) e de representar os personagens utilizando os bonecos ou o próprio corpo. (SANTOS, 1999, p. 107)

Sendo assim, é na hora do conto que trabalharemos o compartilhar, a medida que o material disposto pelo professor pode e deve ser manipulado por todos. Dar a vez, ceder, trocar, *uma vez pra cada um*, são aspectos importantes para desenvolver com as crianças e a contação de histórias proporciona esse momento. Cabe ao professor incentivar os alunos para que a manipulação dos materiais seja um momento lúdico onde juntos possam criar e aprender uns com os outros, descobrindo-se como indivíduos dentro de um grupo, capazes de resolver conflitos e de utilizar o seu corpo como forma de expressão.

Sabemos que o mundo da imaginação é importante para os pequenos, que o faz de conta proporcionado pelos contos, fábulas, quadrinhos e histórias infantis é condição para o desenvolvimento de símbolos, da linguagem oral, entre outros conceitos. Contudo, os professores que se utilizam desse recurso levam em conta o pensamento infantil ou como este se desenvolve? De forma mais simples, conseguem observar as crianças, colocar-se no lugar delas, ver do ponto de vista infantil?

“Melhor ensina quem respeita os limites da idade e, dessa maneira, propicia à criança instante de felicidade autêntica, informações concretas, propostas claras e precisas (ANTUNES, 2010, p. 42). Não se trata de escolher uma história dentro dos conteúdos programáticos ou ainda das datas comemorativas do calendário escolar, essa história precisa dizer algo àquelas crianças, daquele grupo específico. Escolher uma história pra contar pode parecer simples, mas envolve muito mais, desde o gosto particular do contador, os limites de entendimento das crianças até as peculiaridades da turma, é uma responsabilidade, é nesse momento que como professor, devo pensar nas dificuldades e facilidades de cada aluno, podendo utilizá-las a favor do grupo, incentivando a participação e ressaltando as qualidades individuais, que fazem de cada aluno único e especial. É importante e uma condição fundamental conhecer a história a ser contada, mas principalmente conhecer para quem contaremos a história.

Se atentarmos para ANTUNES (2010, p. 38), em seu livro “A criança: recados e cuidados”, ele trás a tona a importância das histórias, mas também das descobertas: “É importante que ouçam muitas histórias, pautadas por muitas perguntas, e que descubram nessas histórias diferenças entre bondade e maldade, justiça e injustiça”. Precisamos que seja um momento descontraído, que as crianças sintam-se livres e participem, que contem experiências, que duvidem ou que defendam personagens, que consigam fazer paralelos.

Contar histórias na Educação Infantil desperta a criança para associações entre vivências cotidianas e o mundo da fantasia, é possível através das personagens que elas, as

crianças, estabeleçam paralelos e através de brincadeiras elaborem significados que de outra forma tornar-se-ia de difícil compreensão.

Criança adora brincar e é no ato de brincar que se apropria da realidade imediata, atribuindo-lhe um significado. Em outras palavras, é brincando que a criança descobre a linguagem do mundo e assim aprende a aprender aprendendo a ser. (ANTUNES, 2010, p. 49)

Um dos valores das histórias esta nas possibilidades de compreensão do mundo. Verificar comportamentos e o caráter dos personagens, faz com que os pequenos passem a entender valores, hábitos e atitudes. E o que é uma Contação de Histórias senão um jogo de palavras, de imitações, um jogo de faz de conta, uma história pode trazer um mundo de escolhas, tudo depende de quem as conta e como as conta.

Sempre que penso em contar histórias vem logo à memória a minha infância, meu avô sentado à beira do fogo, tomando chimarrão e contando “causos” e contos do “compadre Folharada”, meu pai com suas histórias vividas e “aventuras das Minas do Rei Salomão”, minha mãe escrevendo minhas ideias e os meus irmãos que volta e meia liam pra mim. Dona Donna, a babá, adorava contar histórias enquanto fazia chás ou me servia comida e vó Aurora que adorava contar “histórias pra boi dormir”.

Também me leva a pensar em muitas culturas onde os conhecimentos são passados de pai para filhos em volta de fogueiras, através de histórias e rituais, os indígenas que, em suas tradições, para cada elemento da natureza tem uma história. Os contos de fadas, histórias da carochinha, fábulas, disquinhos de vinil, enfim, a minha paixão pela leitura desde pequena me levou a várias outras histórias e, principalmente, a contar e inventar novas histórias.

Olhando ao nosso redor, não podemos deixar de pensar nas crianças, será que ainda ouvem histórias? Se as ouvem, como as ouvem? As crianças de hoje em dia só ouvem histórias nas escolas? Será que há motivação para esse momento?

Sabemos que os adultos passam cada vez mais tempo fora de casa, os irmãos mais velhos (quando os têm) cada qual envolvido em suas atividades. Quem conta histórias para essas crianças? Com tantos outros atrativos como a internet, *games*, televisão, videos, será que essas histórias contadas ainda chamam atenção em meio a toda essa cultura visual eminente?

Sabemos que a escola tem um papel bem maior na formação dessas crianças do que há vinte e sete anos quando iniciei minha jornada escolar. Mas o que as escolas estão mostrando? O que interessa nas histórias dentro da escola? Os valores, a moral da história, o que as crianças estão aprendendo? O que essas histórias despertam?

Antes de partir para a prática, lendo Zurk (2008), Antunes (2010), Tierno (2010) e Santos (1999) que me encantei novamente com o tema Contação de Histórias. Foram suas observações sobre a infância, as brincadeiras, os jogos de faz de conta e a importância para o desenvolvimento pleno da criança que me colocaram outra vez no caminho do *narrador*.

Há um desafio muito maior, uma demanda que muda constantemente, mas a ludicidade, a fantasia, imaginação e espírito de aventura serão sempre latentes nas crianças. Não há dúvidas que a Contação de Histórias e a Educação Infantil caminham juntas e que o narrador pode conduzir as histórias das mais diversas formas, promovendo o diálogo e incentivando a compreensão, como Zurk (2008, p. 119) nos afirma:

Uma boa história bem contada é capaz de provocar o imaginário de quem a ouve. É uma possibilidade mágica que o ouvinte tem de operar um filme em seu cérebro por intermédio das imagens que vão sendo provocadas no decorrer do fio da narrativa.

Sendo assim, podemos dizer que a oportunidade de ouvir histórias durante esse período inicial da vida escolar (Educação Infantil) é crucial, vai além de conhecer uma nova narrativa, de ampliar vocabulário ou mesmo de aprender algo novo, ouvir uma história abre possibilidades para a criação, a criatividade, imaginação e sobre tudo o faz de conta e a brincadeira.

A brincadeira de faz-de-conta ocupa um lugar de destaque no cotidiano das crianças, dentro e fora da escola. Em grupos ou sozinhas, nos parques, praças, pátios e mesmo em casa, basta prestarmos atenção para vermos que, para a criança, quase tudo é brincadeira, é fantasia, é mentirinha, é imitação. (SANTOS, 1999, p. 97)

Partindo do princípio que contar histórias é trabalhar o faz de conta, podemos dizer que esse momento de ludicidade, a hora de contar histórias, é um instante de troca, em que o faz de conta e as experiências de cada um dialogam. Através de possibilidades despertadas pelo narrador as crianças se permitem fantasiar, brincar e tudo isso junto num diálogo amplo entre esses três pontos (a história, os ouvintes e o narrador), assim passando a vivenciar, em grupo, novos significados e despertando novos conceitos antes desconhecidos pelo grupo. É como ZURK (2008, p. 124) exemplifica, falando de apreensão simbólica:

(...) é possível entender a narração como um campo de troca de experiências, numa ação dialógica na relação entre adulto e criança. Afinal, ela pode ser também um rico laço de aproximação entre ambos para a troca de novas experiências. Refiro-me também a experiências que de outra forma a criança

não teria como entender, ainda que a sua compreensão possa não ultrapassar o campo do simbólico, essa oportunidade de vivenciar novas e diferentes experiências é imprescindível e enriquecedora para ela. E é nessa troca, nesse diálogo, que a criança também pode nos apresentar aquele sentido ou significado que nós adultos, não percebemos de imediato.

Então, uma das condições básicas para que a contação de histórias aconteça nada mais é que o diálogo entre a história, o narrador e os ouvintes. É essa intersecção, então, que faz com que a mágica aconteça, mas principalmente propicia o entendimento através da experimentação (figura 1). O diálogo é o fruto do cruzamento de laços, é centralizador, é ali onde história, narrador e ouvintes se aproximam, ou mais que isso, tornam-se parte um do outro. No momento da contação de história eles não se separam, mas se complementam entre si e no diálogo, na intersecção.

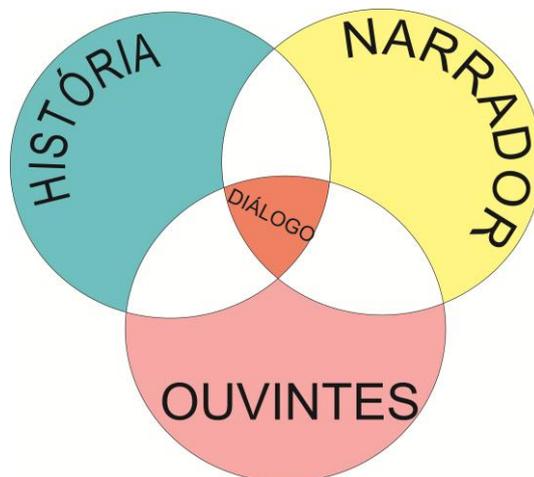


Figura 1: Diálogo como intersecção

Tendo o diálogo como intersecção, pode-se afirmar que onde há contação de histórias haverá sempre narrador e ouvintes envolvidos e que entre esses pontos de intersecção – história e narrador – narrador e ouvintes – ouvintes e história – haverá ainda uma gama de possibilidades que aqui buscamos para que a história não seja apenas mais um elemento na Educação Infantil, mas o ponto de partida para infinitas possibilidades, inclusive a inserção de todos, independente de comportamento ou dificuldades apresentadas. A contação com inclusão, onde todas as idéias podem se cruzar, dentro da roda, onde os pares tem vez e voz, onde os indivíduos podem ser plural

O diálogo proposto pela intersecção (veja Figura 1) é ampliado na medida em que as vivencias dos indivíduos são compartilhadas nessa roda. Daí o valor da experimentação mencionada por Zurk (2008, p. 120): “Quanto mais experiências com a realidade tiver a

criança, melhor será sua capacidade imaginativa. É nesse movimento dialético entre memória, fantasia e realidade que a criança impulsiona seu potencial imaginativo e criador.” Em uma roda de contação em que além de ouvir a história pode-se dar opiniões, ideias e trocar experiências, a tendência é que todos desenvolvam potencialmente a emaginação.

Podemos então pensar que o potencial imaginário (veja Figura 2) está dentro da roda, pronto para entrar em cena, esperando que ao seu redor a realidade, memória e fantasia façam o papel de ativadores da cena, do diálogo, que aqui é proposto em torno de uma história, um narrador e ouvintes. Acreditamos então que na contação de história as relações superam o conto em si, podemos observar em destaque:

A tensão da arte narrativa reside na estética do conto ou melhor, no narrador. Não, ainda melhor: na relação história-narrador-ouvintes. Esses se compõem por atos, gestos, emoções, olhares, pensamentos, anseios e palavras... (ZURK, 2008, p. 126)

Como já mencionávamos antes, cada elemento que compõem a contação (história – narrador – ouvintes) existe separadamente, mas é da intersecção que é possível no encontro dos três, no diálogo, que está o nosso interesse maior. É no diálogo que conseguiremos desenvolver o potencial imaginário, ali serão expostas as recordações de fatos passados (memória), vivências recentes do cotidiano (realidade) e as fantásticas aventuras das personagens (fantasia).

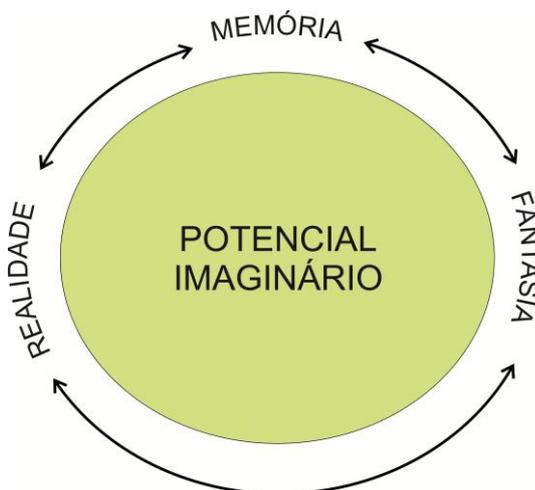


Figura 2: Ativadores do potencial imaginário

Não podemos seguir adiante sem lembrar que nossa investigação aqui partiu de uma triangulação maior e mais ampla. Agora que já sabemos que as histórias acompanham a

infância de mãos dadas com o faz de conta e a imaginação, queremos retomar nossa base, o teatro, a contação de histórias e a pedagogia, na busca de uma roda de histórias acolhedora, capaz de partir da história, narrador e ouvinte, criando o diálogo e assim possibilitando o desenvolvimento do potencial imaginário através das interligações e cruzamentos entre o real, a memória e a fantasia, abrindo espaço para todos num grande círculo de oportunidades.

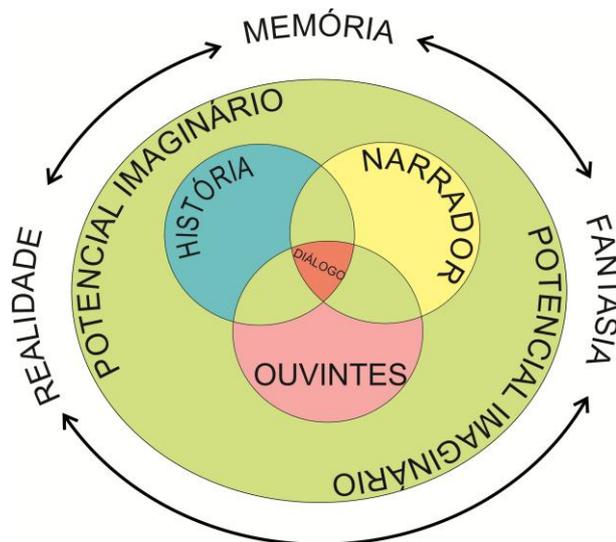


Figura 3: Do diálogo ao potencial imaginário

Juntando tudo em uma grande roda, onde todas as linhas podem se cruzar entre si, partimos do diálogo ao potencial imaginário, nunca se esquecendo dos três pilares teatro-contação-pedagogia, que norteiam essa pesquisa. Surge a pergunta: como é possível pedagogizar a prática da contação de histórias?

Apoiaando-nos em tudo que avançamos até agora, certos de que novas perspectivas começam a emergir em meio a dúvidas e certezas, vamos a campo verificar— das questões, a dúvida e a prática.

DAS QUESTÕES, A DÚVIDA E A PRÁTICA

Das leituras surgem muitas ideias, várias expectativas, as questões se multiplicam, as dúvidas vem à tona, era preciso ir a campo para buscar respostas. É nesse ponto que traremos o que julgamos ser mais pertinente dos questionários aplicados em alunos de cursos de Licenciatura na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED-UFRGS), o relato dos quatro dias de prática na escola de Educação Infantil Algodão Doce (Sant'Ana do Livramento-RS) e os questionários longos que foram direcionados as professoras da turma e direção da escola citada anteriormente. Dividiremos este segundo capítulo em três subcapítulos para facilitar a compreensão e alocação dos dados. Assim acompanharemos na sequencia:

*O que fica dos questionários?

*Contando histórias e verificando possibilidades.

*Questionários longos na Escola Algodão Doce

O QUE FICA DOS QUESTIONÁRIOS?

Foram aplicados questionários curtos durante o mês de agosto de 2012 (do dia 01/08 ao dia 21/08), o pré-requisito era que os participantes fossem alunos de cursos de licenciatura (futuros professores), esses foram distribuídos aleatoriamente de acordo com a predisposição. O questionário possuía quatro questões curtas e diretas.

Durante a análise dos dados separamos as respostas em dois grupos: com filhos e sem filhos, a fim de verificarmos se havia alguma mudança de pensamento. Ao total foram recolhidos trinta questionários preenchidos e curiosamente quinze pessoas tinham filhos e quinze não tinham. Não conseguimos notar diferença significativa nas respostas em relação a separação dos dois grupos pelo critério de ter ou não ter filhos, então nosso foco direcionou-se para as quatro questões e seus resultados relevantes.

Verificamos ser de senso comum deste grupo que contar histórias envolve livros e crianças e que, embora não saibam a importância exata, a contação de histórias fez parte da infância e, por esse motivo, passaram também a contar histórias para seus filhos, netos, sobrinhos, primos, alunos, enfim, contar histórias, para eles, tem de estar associada a infância.

Contudo, nenhum desses *futuros professores* respondeu que contar histórias seria um meio didático e apenas três citaram que contam histórias para seus alunos.

Entretanto algumas das falas trazem reflexões interessantes, a primeira que destacamos aborda a contação de histórias como disparador para um mundo imaginário, trazendo a perspectiva de que uma história envolve relações, como podemos observar no destaque a seguir, para Renata, contação de histórias:

É o meio pelo qual a pessoa utiliza para aproximar-se do mundo imaginário, especialmente da criança. Portanto, contar histórias aproxima os indivíduos e cria relações interpessoais. Renata, 23 anos.

Notamos que ela grifa que o mundo imaginário é o que nos liga a criança, o que nos faz recordar Santos (1999), quando nos afirma que o faz de conta faz parte do cotidiano infantil. Assim percebemos que a fala de Renata se completa com a de Francielle, quando responde a mesma pergunta sobre contação de histórias:

É um momento lúdico em que esta presente o faz-de-conta, a leitura e a oralidade. Para mim a contação de histórias é um momento de grande aprendizado, pois se aprende uma mensagem, aprende também a ouvir o outro, além de ser muito divertido. Francielle, 18 anos.

Francielle nos trás mais perspectivas, entre elas, questões de ludicidade e humor, condições importantes para o uso da contação de histórias na Educação Infantil. Além das ressalvas ao *aprender a ouvir*, que talvez seja um dos maiores desafios da contação de histórias.

As segunda e terceira questões estavam interligadas. Apesar de 97% ter respondido que contam histórias para alguém, a maioria não vê importância em inventar e/ou adaptar histórias. O que nos faz voltar à ligação entre contação de histórias e livros.

Porém a última questão provocava reminiscências da infância, talvez por isso encontrássemos singularidades, aspectos emocionais e um certo saudosismo. Em sua fala Guilherme diz lembrar-se de histórias na sua infância:

Sim, lembro. Algumas histórias tinham lição de moral, alguns aprendizados para se levar pro resto da vida. Guilherme, 22 anos.

Provavelmente Guilherme deve ter ouvido muitas vezes a clássica fala “moral da história...”, mas o interessante é que, apesar do *clichê*, ele afirma ter aprendido lições que trás até hoje na memória, o que nos liga diretamente ao que Bruno declarou sobre contação de histórias na sua infância:

Lembro das professoras da educação infantil. Apesar de não ter uma noção clara da importância, me recordo até hoje. Bruno, 22 anos.

A importância ou o que acreditamos ser importante fica claro, embora Bruno não lembre de moral da história, de personagens, nem de explicações, a cena da professora reunindo todos para hora do conto é viva e marcante na infância dele. O rito que foi apreendido é forte e nota-se à medida que Bruno repete a cena hoje com seus alunos.

Já para Flávio a lembrança é muito mais afetiva, como podemos notar no destaque:

Minha vó adorava ler para nós. Éramos quatro irmãos e viajavamos nos contos daquela época. Acredito que isto me ajudou muito, acredito ser fundamental a leitura, mesmo com a chegada da informática. Ler um livro sempre será mais prazeroso. Flávio, 62 anos.

A importância das histórias vai muito além das questões de conteúdo e aprendizagem, não se restringe, atingindo competências sociais e aspectos do desenvolvimento emocional. Um momento simples em que a vó recorda contos, *causos*, ou lê um livro para as crianças, tem tanta importância quanto a roda na escola na hora do conto, é sempre bom estar atento as questões afetivas.

Compilando os dados que verificamos através do questionário verificamos em sua análise novos desafios à prática da contação de histórias. Numa sociedade em que diariamente a televisão e a internet estão geralmente mais presentes no cotidiano que a própria família, até que ponto a contação de histórias pode trazer uma nova aventura, uma nova descoberta?

CONTANDO HISTÓRIAS E VERIFICANDO POSSIBILIDADES

“Imagine todo o movimento, todo o ritual e o clima gostoso que podemos proporcionar... As crianças sentem aí estão todas olhando para você; pressentem que você nesse momento está convidando-as para um universo estranho, uma aventura, algo desconhecido, uma viagem na qual nem você sabe ao certo o que pode acontecer. E elas querem ir, querem partir junto com você... Partilhar esse momento de aventuras.” (ZURK, 2008, p. 128)

Era uma linda tarde do dia 22 de agosto de 2012, quando cheguei a Escola de Educação Infantil Algodão Doce (Sant’Ana do Livramento – RS). Depois de conversar com a direção da escola, fui apresentada pelas professoras regentes da turma maternal II, que era composta por vinte e seis alunos entre três e quatro anos (dez meninos e dezesseis meninas). O objetivo das contações foi verificar possibilidades reais, experimentar, buscar formas de didatizar, pedagogizar esse ato que é tão comum à Educação Infantil – o contar histórias. A turma foi bastante receptiva a ideia das contações de histórias, ficou combinado que a rotina das crianças não seria alterada, a única diferença era que, nos três dias seguintes, a hora do conto seria realizada de outra forma. Isso posto, faz-se importante anexar o esquema das contações e seu cronograma:

ESQUEMA CONTAÇÕES/CRONOGRAMA
<p>23/08 – A História de Juvenal e o Dragão</p> <p>Contação com o livro</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresento o baú de onde saem as histórias ➤ Sento junto ao círculo fechando a roda ➤ Apresento o livro, me visto diante deles (camisa e colete) ➤ Contar a história sentada com o livro aberto pra mim e mostrar ilustrações
<p>24/08 – Poltrona de Piolhos</p> <p>Contação com objetos</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Mostro o baú – pergunto sobre ele – lembrar da história do dia anterior – já ir vestida

com roupa diferente

- Entro para o centro da roda
- Contar a história utilizando bonecos e acessórios que podem ficar com as crianças – circular mostrando e incentivando que toquem e participem
- Apresentar o livro e guardar dentro do baú

27/08 – A Vovó Dragão

Contaçãõ multi-recursos

- Organizar em semicírculo – ir com roupa comum
- Falar o título da história e começar a história cantando - ensinar a canção
- Durante a história, mudar de posição e de altura – ritmo da fala pode acompanhar ação – fazer longas pausas – usar somente sinais – pedir ajuda – incentivar para que entrem na roda – imitar sons e gestos
- Usar a colcha como objeto que se transforma em vários outros – grito, sussurro – abusar dos recursos vocais – cenas mudas – caretas
- Apresentar o livro e guardar colcha no baú

Nos dias 23, 24 e 27 de agosto de 2012 ocorreram as contações na turma, como aparecem no cronograma acima, as reações, participações, possibilidades e expectativas de um dia para o outro foram se maximizando, algumas certezas se firmando e novas situações se apresentando. Para que o leitor possa vivenciar um pouco mais a experiência, separamos o relato por histórias contadas e anexamos ao longo do texto trechos de anotações do diário de impressões.

A história de Juvenal e o Dragão

Poderíamos começar com um clichê: *a primeira contação a gente nunca esquece*, mas a verdade é que esta não era exatamente a primeira contação, apesar de, com certeza, ter sido a primeira com o olhar atento do pesquisador. É impressionante perceber como mudam as perspectivas, enquanto as professoras organizavam a turma esses breves instantes que antecederam a contação, os olhos do pesquisador observam, tornam-se vigilantes.

Que bonito e perceber o brilho nos olhos dos pequenos, a curiosidade. Apesar da rotina deles continuar a mesma eu sou novidade, novidade que trás um baú. Nas mãos que se agitam, no corpo que fica difícil de controlar, não há como não se encantar com o encantamento deles.

Sem dúvida a rotina das crianças mudou, apesar das atividades acontecerem na mesma ordem, o simples fato de haver alguém diferente no ambiente é uma mudança. A contação com o livro ou “abordagem literária” (TIERNO, 2010) é a mais comum e a temática da história: princesa em perigo e dragão faz parte do imaginário infantil, sendo assim, a história era simples e de fácil compreensão.



Figura 4: Contação com o livro – Abordagem literária

Um dos aspectos mais interessantes é o entusiasmo das crianças, como o tema era de domínio dos pequenos, eles interromperam muitas vezes para acrescentar opiniões, antever situações, ressaltar perigos, apesar de não conhecerem a história que estava sendo contada.

Quando eu percebi estavam quase todos na pontinha da cadeira, dando opinião. Não acreditava que sentada o tempo todo, somente com o tom de voz, tinha conseguido envolver a gurizada. E eram bracinhos levantados, outros que na ansiedade gritavam, saíam do lugar. Foi uma troca muito grande de energia. Com apenas três linhas de história se fez um mundo de aventuras e possibilidades.

Naquele momento em que deixamos as crianças livres pra opinar, sair dos lugares, expressarem suas emoções, sensações e sentimentos compreendi o poder de uma história. O

narrador deve estar sempre vigilante, precisa compreender que além da história é preciso incorporar as narrativas dos ouvintes, transcendendo o livro, o escrito e tornando esse momento exclusivo. Assim, mesmo que a história seja repetida várias vezes, esta nunca será a mesma.

O contador de histórias não pode perder a dimensão real de estar diante dos ouvintes para expor e não impor uma narrativa. Partindo da atitude de exposição ele tenderá a ter como pressuposto a incorporação de outras narrativas trazidas pelos ouvintes, agregadas ao tecido vivo da história narrada. (TIERNO, 2010, p. 20)

A roda transformou-se, ali narrador-história-ouvintes deixaram acontecer o diálogo, os instantes que seguiram revelaram o potencial imaginário do grupo. É um exercício: estar naquilo que narramos, prestar atenção ao que acontece, aproveitar a narrativa do ouvinte e conseguir desenvolver a história junto as novas idéias.

Poltrona de Piolhos

Havia um desafio, a contação já não era mais novidade, era o meu terceiro dia na escola, a maioria havia se acostumado com a minha presença, não chamava mais tanta atenção, a não ser pelo fato de aparecer na sala com um vestido diferente, todo florido e de cores vibrantes.

A turma estava agitada, o dia estava quente e eu não era mais novidade. Nos primeiros minutos da história tive que transformar o que tinha em mente, não bastava ficar no centro da roda, precisa transformar cada novo personagem que saía do baú em um acontecimento. Os primeiros cinco minutos foram cruciais, se não estivesse atenta e não mudasse a estratégia, não teria mais a atenção. Suei, mas funcionou.

Embora a história não fosse do domínio temático da turma, os personagens fossem estranhos ao seu imaginário comum, o clima não fosse dos melhores em função do calor, a roda estivesse próxima a porta (o que aumentava os ruídos), a condução dos personagens e a possibilidade de tocar nos objetos e manipulá-los fez com que o encontro acontecesse. A capacidade de olhar e perceber, de conhecer a história e a turma torna-se condição. É preciso sensibilidade para mudar o foco do problema para uma possível solução. Nem sempre o que é

planejado da certo, por isso o roteiro é importante na medida em que deixa brechas, possibilidades de trocas e mudanças, saídas para imprevistos. Voltamos aqui a frisar a responsabilidade que o contador precisa ter na hora da escolha das histórias e o conhecimento que tem de ter sobre as mesmas, assim não será pego de surpresa, ou será porém de outra maneira.



Figura 5: Contação com objetos ou abordagem poética

A contação com objetos ou “abordagem poética” (TIERNO, 2010), trás a possibilidade da personificação dos heróis da história através dos fantoches e/ou de acessórios, mantendo seu baú cheio de opções é possível que encontre a solução guardada dentro dele. Por isso destacamos, é preciso conhecer muito bem a história que vai contar, mesmo que vá ler para as crianças e principalmente estar atento aos coadjuvantes ao redor, as crianças podem te oferecer a solução. Assim:

O Contador de Histórias é aquele que cultiva a atenção e a delicadeza, que percebe seu corpo no espaço e o corpo do outro suspendendo o **automatismo da ação**. Mantem sempre abertos os olhos e os ouvidos. O Contador de Histórias é aquele que fica sobre o que lhe acontece. Sabe que para **cultivar a arte do encontro** é preciso, além de **calar muito** e **ter paciência, escutar aos outros**. (TIERNO, 2010, p. 22)

Dar a vez, deixar a criança falar é um grande exercício, não é só concordar com o que elas dizem, ou pedir silêncio, é preciso ouvir e de alguma forma acolher com a história, assim mostrando que as suas opiniões são importantes, que suas ideias podem fazer parte daquele momento. No mesmo instante que o contador se permite ser generoso e abre a história para as crianças, elas devolvem com ideias e estratégias surpreendentes.

De repente uma das meninas me puxou e disse: “Eu tenho três pedrinhas”. Era a primeira vez que ela falava, não podia excluir aquele pensamento da roda. Foi então que tive uma ideia, como ainda não sabia o que fazer pedi que ela guardasse na mão bem apertadinha, em pouco tempo notava-se a curiosidade dos outros e transformei as pedrinhas num “passa anel” de ideias, só aquele que tivesse as pedrinhas poderia falar. Acabou sendo bem interessante e divertido. O detalhe é que as pedrinhas eram imaginárias.

Podemos dizer então que a base para o encontro são os sujeitos da ação e o diálogo entre as experiências dos sujeitos envolvidos na ação, como diz Tierno (2010), as experiências (fenômenos singulares) são tudo aquilo que *me* acontece, *me* sucede e *me* passa, o que pressupõem que as experiências, os pensamentos e o diálogo estão no topo da pirâmide do encontro, como podemos observar no diagrama a seguir..



Figura 6: Base para o encontro

Uma boa imagem que podemos sugerir é que visualizem o encontro entre narrador, ouvinte e história como uma pirâmide, composta de partes distintas. Quando olhamos de cima (com distanciamento) podemos separar as partes, mas quanto mais nos aproximarmos (momento presente na roda de contação), mais perceberemos que uma parte precisa da outra para ser uma pirâmide completa. Não posso pensar em contar uma história, sem ter uma história e muito menos poderei contar uma boa história se não há quem a ouça.

A narrativa de uma história, portanto, pressupõe a criação uma relação de encontro. Encontro definido aqui como espaço metafórico em que narrador e ouvinte habitam ao mesmo tempo. Não é o lugar do narrador, não é o lugar do ouvinte. É um terceiro lugar, um lugar ainda vazio, que será habitado pela primeira vez, por ambos, no instante presente da história narrada. (TIERNO, 2010, p. 22)

Por isso a importância das relações, a base para o encontro promove a reflexão, os sujeito da ação ao mesmo tempo que participam de uma vivência plural, são indivíduos, suas experiências são singulares, seus pensamentos podem ser partilhados ou não, mas o diálogo só acontece no coletivo.

A Vovó Dragão

Último dia de contações, dia de por à prova muitas ideias e de experimentar. Depois de um final de semana chuvoso o clima frio deixou os pequenos mais calmos, não sei se um final de semana entre uma história e outra foi positivo. Um a um eles foram entrando na sala, enquanto as professoras organizavam a turma eu observava, depois de ter tido trabalho para manter a atenção na história anterior temia muito que uma contação com multi-recursos ou de “abordagem performática” (TIERNO, 2010) não causasse o resultado esperado.

Sentadinhos, uma ao lado do outro esperando a história começar, essa era a imagem. Para mim era o último dia de contações; para eles era o primeiro dia de uma nova semana, um final de semana inteiro de aventuras pra contar: O que era melhor, contar histórias na sexta ou na segunda?

Como das outras vezes a organização da roda ficou por conta das professoras regentes da turma, mais um momento único estava prestes a começar, o encontro naquele “espaço-outra” (TIERNO, 2010) que criamos nestes três dias hoje seria recheado de outras tentativas. O que fica de tudo isso? A contação de história realmente pode ser um disparador de ideias e novas perspectivas? Pode ser a roda de contação um lugar onde todos participem livremente? Como se prepara para o momento de troca durante a história?



Figura 7: Contação com multi-recursos

A história estava correndo, talvez o caráter performático a transformasse mais num espetáculo que em uma troca, o próximo momento era bem tenso, precisava tomar cuidado, vinha falando e passando os olhos de criança a criança, mas uma delas estava muito envolvida, seus olhos quase em lágrimas, mudei o tom, até onde aquilo era importante.

Volto a pensar nas responsabilidades de quem conta a história, até que ponto o mergulho na fantasia é saudável. Melhor ensina quem respeita os limites das crianças (ANTUNES, 2010), quando se trata de um grupo de vinte e seis crianças, gostos e opiniões são bem diferentes, mas as vezes é preciso prestar atenção maior àquele que reage de maneira diferente. É importante ouvir histórias, descobrir novas sensações e sentimentos, vivenciar situações distintas, mas a Hora do Conto também precisa ser um momento de prazer, de alegria, porque são as crianças que ouvem que vão passar essas histórias adiante, como afirma TIERNO (2010, p. 24):

Aquele que ouve é o guardião das histórias. Nesta perspectiva, aquele que ouve é aquele que conta depois histórias. Aquele que conta histórias possui o ouvido mais curioso da comunidade. Quando esta na fila do banco, do supermercado, no ônibus, no metrô, na praia, seu ouvido persegue as histórias curiosas e seus desdobramentos em seu imaginário.

Aquele que ouve histórias presta mais atenção no cotidiano, consegue estabelecer paralelos, desperta seu potencial imaginário, é mais criativo. Por isso a importância de uma roda de histórias acolhedora, um contador capaz de ouvir e calar, que com paciência saiba dar a palavra e usar as ideias dos ouvintes, possibilitando o instante do encontro.



Figura 8: O instante do encontro

O instante do encontro é o momento fundamental, crucial, que torna a contação de histórias tão encantadora. Quando conseguimos o diálogo, eu – história – outro, nos interligamos, ali não haverá mais contador e ouvinte, nesse instante todos seremos contadores e ouvintes da história que ali servirá não só de ponto de partida, mas como elo entre pontos de vista diferentes.

O desafio estava lançado, a roda estava aberta, mas hoje ninguém saiu do lugar. Estico a colcha de retalhos, a transformo, de manto vira esconderijo, de tapete vira um bebê de colo. Talvez seja muita informação, talvez a abordagem performática tenha um caráter de espetáculo-plateia. Mas eis que entra na roda o mais inesperado e com seus dedinhos delicados acaricia a colcha de retalhos. Sim! Ele fazia parte, o especial tornou-se único.

Quando abrimos a história para a roda e possibilitamos a participação algo foi quebrado, talvez ali, daquela forma, não houvesse desafio. Ou talvez o desafio fosse muito grande. Pode ter sido uma questão espacial (o semicírculo), também podemos pensar no tipo de abordagem. Mas nem sempre o instante do encontro vai acontecer para todos, o que nos chama atenção é que justamente o aluno com necessidades educacionais especiais foi o que reagiu ao estímulo. Apesar do grupo ter vivenciado a história, se encantado com a colcha que se transformava, aquele que conseguiu transpassar a barreira da roda nesse momento foi exatamente aquele que buscamos do lado de fora da roda o tempo todo.

QUESTIONÁRIOS LONGOS NA ESCOLA ALGODÃO DOCE

A escola pode ser um baú de histórias bem aberto para o mundo, o professor e as crianças podem ser esses narradores e aprendizes de si mesmos, capazes de buscar o que há de mais rico no humano: a troca de experiências. (ZURK, 2008, p. 128)

Após a prática (contações de histórias) na Escola de Educação Infantil Algodão Doce, foi encaminhado por e-mail um questionário longo, contendo dez questões sobre aspectos distintos da contação de história dentro da escola, este foi encaminhado para Susana e Marta da direção da escola, Dionnara e Juliana professoras da turma maternal II (Total de quatro questionários).

Já havíamos verificado o que os acadêmicos tinham a contribuir sobre as contações de histórias, queríamos um olhar do cotidiano, do dia a dia, perspectivas de quem vivencia a rotina de uma escola de Educação Infantil. Destacaremos nesse subcapítulo falas dessas profissionais que julgamos ser as mais pertinentes.

A diretora da escola, Susana, ressalta em sua fala a utilização da contação de história como apoio ao aprendizado e fonte de estímulos:

(...) a contação de história, em nossa escola, é a base do conhecimento repassado a nossos alunos. É preciso estimular na criança o lúdico, a imaginação resgatando valores intrínsecos. Temos que manter e preservar a infância de nossos pequenos para torná-los adultos felizes e equilibrados, conscientes de seu papel neste mundo tão conturbado. Afinal, temos que educar e formar pessoas felizes. Susana, direção da escola.

A *hora do conto* deveria ser um momento lúdico, recheado de magia, um instante de troca, de diálogo. É papel do professor respeitar os limites individuais e da turma, a maneira das crianças de raciocinar, mas também é fundamental propiciar a formação de símbolos, significados e analogias (ANTUNES,2010) com leveza e alegria, de forma a preservar a infância, como destaca Susana.

Uma das professoras da turma maternal II, fala sobre como a contação é usada diariamente no grupo, Juliana diz:

Sim, temos a hora do conto, nós somos os contadores de histórias e ao mesmo tempo dramatizamos para eles. As crianças também se tornam personagens através da dramatização e encenação que fizemos através dos contos infantis. Juliana, professora da turma Maternal II

Notamos na fala de Juliana, o que SANTOS (1999) diz sobre a importância da criança experimentar junto, de visualizar o uso dos materiais pelas professoras, mas também ter a chance de manipulá-los e também de representar com o seu próprio corpo; além de percebermos que ela coloca todo o grupo, que une professores e alunos, como contadores quando diz “*nós somos os contadores de histórias*”. Outra observação interessante da professora é sobre a contribuição da contação de história na Educação Infantil, ela diz que:

Contribui para o processo de aprendizagem da criança de maneira significativa, pois a alfabetização vem desde o processo que a criança passa a desenvolver suas curiosidades pela leitura e escrita, através dos livros de histórias infantis fazendo a leitura visual, através das ilustrações que vê, e do que escuta. Acredito que este seja um primeiro passo para desenvolver a escrita que se desencadeia no início ou seja na educação infantil. Juliana, professora da turma Maternal II.

A professora nos trás observações sobre a importância da contação de histórias como incentivo a leitura e como consequência a alfabetização/escrita, trazendo aspectos como a leitura visual e a escuta. Já Susana trás outras ideias, frisando a contação como método didático de fácil compreensão:

A contação de história é primordial para a educação infantil, é o meio didático que mais atinge os pequenos. Desta forma, volto a reafirmar, é fundamental que as escolhas sejam permeadas de conhecimento por parte do contador de histórias. A dinâmica de ouvirmos e sentirmos a reação e emoção que nunca são esquecidas, a magia, o romper preconceitos e evoluir no descobrir, na certeza de que esta descoberta é constante e necessária. Susana, direção da escola.

Nessa fala percebemos que o cuidado, já mencionado anteriormente é fundamental na escolha das histórias a serem contadas, é preciso conhecer, mas também verificar as condições

que os meus alunos tem de entender o tema e os conflitos dos personagens da história, queremos que as crianças cresçam e descubram coisas novas a cada dia, mas sempre pensando no desenvolvimento como um todo e nas peculiaridades de cada turma.

Marta, nos mostra outro ponto de vista, que conclui a ideia de Susana, apresentando as questões de sociabilidade, para ela a importância da contação de histórias na Educação Infantil é:

O desenvolvimento da atenção, da participação e da socialização, pois ela proporciona o acolhimento da criança ao ambiente escolar de forma atrativa, convidando-a a lidar com realidade e imaginação de forma leve, sem traumas; além disso é uma maneira prazerosa de estimulação às histórias e conseqüentemente à leitura. Marta, direção da escola.

Concluindo assim a concepção de contação como método didático, trazendo a capacidade de acolhimento e retornando ao conceito da professora Juliana de incentivo a Leitura. Já a professora Dionnara reforça a questão da leitura e também acrescenta o desenvolvimento e a aprendizagem:

Sabe-se que na educação infantil a criança está em pleno desenvolvimento e crescimento, tanto em nível de maturação biológica como em nível de conhecimento. A contação de historias contribui nesse processo estimulando a imaginação, o desenvolvimento da linguagem, da lógica, da atenção, mas principalmente da liberação da criatividade, da imaginação, da fantasia. Além contribuir para a formação de crianças que gostem de ler e que tenham uma relação prazerosa com a literatura, fazendo desta uma possibilidade de divertimento e aprendizagens. Dionnara, professora da turma Maternal II.

O desenvolvimento da linguagem, associado a capacidade de criar e imaginar é uma das tantas características da contação de histórias, é bom ressaltar o grifo de Dionnara a ligação da leitura com o prazer e a possibilidade de divertimento e aprendizagem, sendo assim poderíamos dizer que crianças que ouvem histórias na primeira infância, possivelmente serão crianças que gostarão de ler, desencadeando uma cadeia interessante.

Quanto ao tipo de histórias a se contar sublinhamos a fala de Susana, que trás a possibilidade de adaptação a realidade:

(...) todas as histórias são ricas e produtivas, cabe-nos compreendê-las em sua essência e adaptá-las a sua realidade. Portanto, penso que o contador de história tem que estar envolvido com a narrativa, realizando uma leitura crítica e responsável antes de apresentá-las aos seus ouvintes. Tem que existir um conhecimento e preparação prévia.
Susana, direção da escola.

Uma leitura responsável, uma adaptação a turma, conhecimento, preparação, precisamos antes de mais nada saber o que queremos e pensar várias alternativas, de nada adianta a história ser linda, a mensagem ser coerente com a idade e entendimento da turma, mas o meio com que eu resolvi contar não chama a atenção, não desperta a curiosidade, é sempre é bom olhar a história pelo ponto de vista de quem vai ouvir e manter uma autocritica.

Dionnara acredita na contação de histórias como forma de inclusão:

Acredito que a contação de historia esta ao alcance de todos, assim como a sua contribuição para o desenvolvimento do individuo, seja este com alguma dificuldade especial ou não, respeitando o ritmo de cada um. A contação, também é um meio de levar o aluno especial a interagir com o grupo, socializar-se. Dionnara, professora da turma.

A professora, em seu ponto de vista, apresenta a hora do conto como um possível momento de socialização para o aluno especial, dando condições para o desenvolvimento e compreensão assim como qualquer outro aluno.

Em sua fala, Marta concorda com Dionnara, a medida que acredita que a contação de história é popular e está ao alcance de todos, como havia ressaltado a professora, no destaque anterior. Diz ela entusiasmada que a contação é na inclusão de alunos especiais:

Fantástica, pois a criança especial necessita concretizar os temas para poder absorver conhecimentos, bem como interagir através da diversão proporcionada pela contação de histórias. É uma forma popular e integrativa do alcance de todos, claro que cada um tem seu tempo e sua lógica própria de entendimento, conforme sua especialidade.
Marta, direção da escola.

Cada um a seu tempo, com sua lógica, porém integrados. Isso nós leva de volta a Zurk (2008) quando mostra-nos que a contação é a possibilidade de entendimento que de outra

forma a criança não teria, sendo um momento de troca de experiências todos são acolhidos independente do que possam trazer a roda, todos tem memórias, vivências e são capazes de imaginar. Susana aborda mais sobre a integração possível, quando nos fala resultados:

No aspecto envolvendo crianças com necessidades especiais, obtivemos experiências bem gratificantes, pois é um momento em que os problemas são amenizadas, num contexto de solidariedade e afetividade, e nesse momento mágico resolvem-se as diferenças, unidas por um único sentimento: a possibilidade de sonhar e imaginar um mundo melhor. Susana, direção da escola.

A possibilidade de todos juntos embarcar numa aventura sem ter de sair da sala de aula une as crianças em torno de algo único e especial, nesse momento não importa se a criança tem dificuldades de aprendizagem, é diferente, no instante mágico da história todos podem criar asas, a contação trás mil possibilidades. Nós professores só precisamos estar ali como mediadores entre a fantasia, a realidade e a memória, prontos para despertar o potencial imaginário dos pequenos.

Aqui percebemos que muitas vezes a academia se distancia do cotidiano, por isso a importância de ir a campo, das escolas abrirem suas portas para a pesquisa, assim podemos trocar informações e notar que o dia a dia, a rotina da escola pode ser reveladora e gratificante, que entre os percalços sempre haverá as possibilidades.

Quando chamamos *vem pra roda*, queremos que todas as crianças façam parte, que todos possam compartilhar juntos novas possibilidades, que somem suas experiências, que dividam seus medos e anseios, que multipliquem seus sorrisos e que assim possamos diminuir a distancia entre os alunos, afinal todos somos especiais, todos somos singulares e também todos podemos ser plural.

Faz de conta que tudo é possível, faz de conta que ao virar a página surgirão novas possibilidades, imagina que tudo isso pode fazer parte de sua escola e venha conosco descobrir os jogos de faz de conta e suas contribuições.

JOGOS DE FAZ DE CONTA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Vamos lançar o pensamento novamente à infância, reviver a possibilidade de brincar livremente, procurar num velho esconderijo aquele brinquedo especial e lembrar aventuras que viveram juntos, recordar que nesse mundo um galho de árvore podia ser varinha de condão e que no chuveiro o xampu era microfone e as gotas de água confetes que caíam sobre o *super star*. No intuito de ir adiante e procurar novos horizontes, queremos trazer as contribuições dos jogos de faz de conta, aqui vamos pensar que estes estão associados sempre a contação de história, embora ambos possam atuar separadamente.

O faz de conta é um jogo bastante complexo, é uma prática que estimula a criança a usar a sua imaginação, de forma criadora. Todos nós já fomos crianças e brincamos de faz de conta, quando criança, quem nunca conversou com as bonecas chamando-as de filhinhas, ou mesmo sentou no braço do sofá e imaginou que cavalgava, quem nunca viu alguém com o lençol amarrado no pescoço fingindo ser super-herói; este capítulo quer trazer a possível combinação da brincadeira com a contação de história como uma via de maior compreensão dos interesses das crianças, à medida que através deles passamos a observar de outro ponto de vista. Essa descentralização de ponto de vista nos permite pensar sob a ótica infantil, percebendo um mundo que outrora já foi de nosso domínio, as *ações colaborativas* em relação às brincadeiras que Santos (2010) propõe, também podem ser levadas em consideração quando se fala de contação de história e jogos de faz de conta:

(...) a falta de compreensão sobre o significado das condutas infantis, atribuída a uma restrição ótica, uma espécie de miopia, que nos impede de compreender o mundo sob pontos de vista diversos do nosso como é o caso do ponto de vista da criança e, conseqüentemente, dificulta a projeção de ações que venham ao encontro dos seus desejos e das suas necessidades enquanto sujeitos do conhecimento. (SANTOS, 2010, p. 46)

Compreender as condutas das crianças, descentralizar o olhar, de nenhuma maneira envolve sair do seu papel de adulto, apenas torna mais efetivo o contato e mais eficientes as relações. A criança quer que entre no jogo, que brinque junto com ela, entretanto sabe que é brincadeira e que você é um adulto. Através do faz de conta as crianças podem revivenciar situações que lhes despertaram os mais variados sentimentos e atitudes. Da energia que envolve o jogo:

A brincadeira simbólica (também conhecida como faz-de-conta ou jogo simbólico) e os jogos em geral são atividades nas quais as crianças colocam

em ação toda a sua energia, expressividade e inventividade, desempenham papéis lúdicos e exercitam a convivência em grupo.(SANTOS, 1999, p. 95)

Dá a importância que a brincadeira tem no desenvolvimento das crianças e na capacidade de socialização, se conseguirmos aliar o momento da contação de histórias ao faz de conta, estaremos aliando duas ações em benefício do desenvolvimento do potencial imaginário e criativo dessas crianças. O jogo de faz de conta trás a possibilidade da vivência de uma experiência fictícia de uma situação real, como por exemplo: brincar de casinha, de cozinhar, de professora, médica ou veterinária. E se além de tudo isso ainda pensarmos na roda de contação como um momento de compartilhar experiências, todas as crianças, independente de apresentarem dificuldades de aprendizagem ou não, tenderão a sentir-se acolhidas, num momento único, que promova alegria e descontração.

No entanto, precisamos levar em conta o ambiente escolar, suas peculiaridades e expectativas. De acordo com ANTUNES (2010), há algumas especificidades necessárias a um jogo educativo, para ele:

Um jogo é efetivamente **educativo** quando, além de promover a alegria e a felicidade da criança, desenvolve também atributos conceituais, procedimentais e mentais, como:

- * Estimula as diferentes **memórias**.
- * Exalta sensações **emocionais**.
- * Promove interação com outras crianças e a **sociabilidade**.
- * Desenvolve diferentes **linguagens**.
- * Exercita níveis diferenciados de **atenção**.
- * Explora a **criatividade**. (ANTUNES, 2010, p. 70)

Sendo assim, o jogo educativo somado a contação de história é potencializado, já que ambos trabalham memória, emoções, sociabilidade, linguagem, atenção e criatividade, uma criança trabalhada dessa forma tem muito mais chances de fortalecer sua expressividade, desenvolver paralelos e apreender significados mais complexos. A história contada trás a informação dos personagens e o jogo de faz de conta a possibilidade de vivenciá-los. “A imitação e o jogo são fontes de prazer e divertimento para as crianças e são, também, fatores fundamentais para aprendizagem, construindo formas de reflexão e apropriação do mundo por parte delas que experimentam papéis e situações e exercitam a convivência em grupo.” (SANTOS, 2012, p. 111) A contação de história com o recurso da utilização do faz de conta é um chance dupla de exercício para a criança bem como de compreensão, já que ao mesmo tempo são dispostas duas possíveis formas de entender e visualizar a história em questão, tudo isso sem deixar de pensar no desenvolvimento da criança, sua formação e a construção simbólica:

A fase dos três aos cinco anos é marcada pela busca infantil na **construção de símbolos**. O símbolo é uma representação mental a qual se associa um significado.(...) em casa e na escola deve ser estimulada com a propriedade de ajudar a criança a criar símbolos. É por isso que brincadeiras e jogos com imitação, jogos de linguagem e jogos simbólicos, devem ser priorizados. (ANTUNES, 2010, p. 35 e 3)

Jogar além de ser um ato livre e natural entre as crianças, pode e deve ser visto como possibilidade de desenvolver habilidades específicas. O professor e/ou contador que resolver aliar os jogos e a contação de histórias vai precisar analisar quais os tipos de jogos apropriados, ou quais melhor se encaixam com o desenvolvimento da história. “(...) o conhecimento da teoria é imprescindível para que o professor saiba identificar as diferentes formas pelas quais as atividades lúdicas se manifestam ao longo da infância e relacioná-las com o processo de desenvolvimento da inteligência.” (SANTOS, 2012, p. 112)

No caso do educador não se sentir seguro o suficiente para usar jogos mixados com a história, uma sugestão é começar utilizando o jogo antes de começar a história, o que pode ser um pretexto para contá-la, como uma introdução, ou mesmo pode ser feito no final da história, como forma de reforçar temas e/ou situações que foram ouvidos durante a história. O que importa mesmo são as novas propostas que o jogo pode associar a contação de história. Tão importante quanto a história é a renovação das práticas educativas:

Todo educador tem ampla responsabilidade na renovação das práticas educativas, pois ele, na medida do possível, faz surgir novas práticas educativas propondo novas intenções educativas de desenvolvimento, só alcançáveis por meio dele mesmo. (MALUF, 2009, p. 41)

A responsabilidade pelas inovações, pelo avanço do processo de ensino aprendizagem é do professor, assim como um ambiente próprio para a criação. Não basta a *hora do conto* estar na rotina diária, é preciso aliá-la a outros recursos, mantendo esse momento de descobertas prazeroso e gratificante. O dia a dia também precisa ser divertido, dar prazer, afinal de contas queremos formar seres humanos melhores, capazes de resolver problemas com criatividade. É preciso respeitar os momentos de fantasia das crianças:

Podemos acreditar que a criança vai construindo seu conhecimento de mundo de modo criativo, lúdico, modificando a realidade com os recursos da sua imaginação. Precisa ser sempre respeitada, pois seu mundo é mutante e acaba oscilando entre a fantasia e a realidade. (MALUF, 2009, p. 19)

Uma história pode ajudar e levar a criança a perceber as diferenças entre real e imaginário e o uso dos jogos de faz de conta mostram a ela as possibilidades de brincar

(fantasiar) e mesmo assim continuar suas atividades. Os dois recursos podem auxiliar ainda mais seus alunos a sentirem-se capazes de estabelecer paralelos e de associar as experiências ao aprendizado. “A criança se expressa, assimila conhecimentos e constrói a sua realidade quando está em alguma atividade lúdica. Ela também espelha a sua experiência, modificando a realidade de acordo com os seus gostos e interesses.” (MALUF, 2009,p. 23) Os interesses das crianças estão nitidamente associados aquilo que elas compreendem e conseguem assimilar.

Assim nota-se claramente que o educador precisa estar envolvido com os seus alunos para que possa estar a par de seus gostos, propiciando atividades que lhes despertem curiosidade, mas ao mesmo tempo prazer.:

O educador deverá propiciar a exploração da curiosidade infantil, incentivando o desenvolvimento da criatividade, das diferentes formas de linguagem, do senso crítico e de progressiva autonomia. Como também ser ativo com as crianças, criativo e interessado em ajudá-las a crescerem e serem felizes (...). (MALUF, 2009, p. 11)

Demonstrar interesse pelas descobertas, gostos e interesses dos alunos é uma porta aberta para a comunicação. Um professor precisa mostrar interesse ao se comunicar com os alunos, baixar a altura dos mesmo, olhar nos olhos, mostrando respeito. É preciso desenvolver as nossas crianças por inteiro buscando uma formação física, mental e social. Se pensarmos dessa forma:

A Educação Infantil, por inteiro, é quando a criança recebe as influências socializadoras dos demais seres humanos com os quais estabelece relações, através de um ambiente acolhedor, rico em oportunidades de experiências e com interações positivas. (MALUF, 2009, p.13)

Por meio das brincadeiras as crianças desenvolvem a atenção, autonomia, a capacidade de resolver problemas, se socializa, desperta a curiosidade e a imaginação (ANTUNES, 2010), de maneira prazerosa e como participante ativo do seu próprio processo de aprendizagem. O ato de jogar é tão antigo quanto o de contar histórias, o homem vem desde os primórdios acompanhado dos dois, por um lado o jogo é necessário para o processo de maturação dos indivíduos, tendo como principal função a assimilação da realidade, por outro a contação de histórias é necessária pra o convívio social destes indivíduos, tendo como principal função o diálogo. Ambos se completam, ambos são necessárias ao desenvolvimento humano.

Queremos formar crianças completas, para tanto vamos utilizar tudo o que for preciso, vamos contar histórias que deixem seus olhos brilhando, vamos utilizar jogos de faz de conta, experimentar junto com eles novas sensações, deixar que essas crianças toquem e manipulem bonecos e objetos, incentivar para que contem suas próprias histórias, inventem mentirinhas e mudem o final. Seguiremos, como professores, buscando um caminho mais suave para a educação, não um caminho mais fácil, mas um caminho que nos proporcione possibilidades de viver novas experiências diariamente com os nossos alunos, pautadas por sorrisos, porque a educação se torna muito mais bonita quando é acolhedora e prazerosa.

MORAL DA HISTÓRIA... ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Frequentemente, a formulação de um problema é mais essencial que sua solução. Einstein

É o final de uma caminhada, mas realmente chegamos ao fim? Viveremos felizes para sempre? Certezas foram reforçadas, possibilidades lançadas e algumas considerações tecidas.

Através dos questionários curtos notamos a evidencia do uso das histórias e sua presença marcante na infância. Como podemos notar na fala de Flávio “*Minha vó adorava ler para nós. Éramos quatro irmãos e viajavamos nos contos daquela época.*” e também na fala de Renata: “*Quando eu era pequena minha mãe me contava histórias antes de dormir. Isso tinha um grande significado em minha vida.*” Também observamos que há certo consenso que contar histórias exige tempo, livros e que o público (as crianças) é exigente, como na fala de Camila: “*Contar histórias é um modo de prender a atenção de crianças chatas.*”, na fala de Clara: “*Não conto mais, não tenho tempo, os filhos estão grandes.*” ou na de Mara: “*Contar histórias é ler histórias*”.

De alguma forma os questionários nos alertaram para o fato dos futuros professores não utilizarem a contação de história como método didático, por outro lado nos mostraram pontos positivos a medida que os futuros professores conseguiram identificar a contação de histórias como um momento de ligação afetiva, onde se aprende a ouvir e principalmente notamos que o que é contado em forma de história acaba ficando com mais facilidade na memória.

As contações além de trazerem a possibilidade de experimentação, nos colocaram em *cheque*, notamos que o público não é o problema, às vezes é uma questão de preparar a história, mudar a forma, propor a maior e mais efetiva participação das crianças, mixar a contação a exercícios e jogos de faz de conta, ouvir muito. A cada dia que mudamos a forma de contar histórias (contação com livro, com objetos e com multi-recursos), conseguimos visualizar os interesses e necessidades das crianças, ficamos mais próximos, trocamos olhares, opiniões, nos encontramos, dialogamos e percebemos na prática a afeticidade ressaltada nas entrevistas. Como já constataram Santos (1999) e Antunes (2010) é preciso que a criança tenha a sua vez, que experimente e descubra por si. Ou ainda Zurk (2008) que trás o despertar do imaginário, possibilidades mágicas.

A participação das crianças evidencia que a história deve ser contada de fora para dentro da roda, partindo da perspectiva da criança, incentivando a participação de todos no centro da roda, como agentes de um novo lugar sem diferenças ou distinções, um lugar de encontro, como diz Tierno: “*Não é o lugar do narrador, não é o lugar do ouvinte. É um terceiro lugar, um lugar ainda vazio, que esta habitado pela primeira vez, por ambos, no instante presente da história narrada.*”(2010, pág. 22).

Os questionários aplicados na escola trouxeram o olhar do cotidiano, a contação de histórias como carro chefe, condutor de projetos, momentos lúdicos entre outras tantas atividades, como potencializador. Nas respostas das professoras da Escola Algodão Doce podemos perceber que nem sempre na prática as coisas são difíceis, com amor, cuidado e dedicação, tudo acaba se ajustando.

O ponto alto foi poder presenciar na Escola Algodão Doce uma das maiores lições de inclusão, em nenhum momento os alunos com dificuldades de aprendizagem foram retirados da sala de aula durante o trabalho de contações, assim podemos ver que a possibilidade de socialização esta justamente em conviver, no seu núcleo, com os seus pares, o que prova que é possível que haja um inclusão de fato e independente de erros ou acertos, o crescimento das crianças com certeza será maior em grupo, onde podem compartilhar, do que isoladas.

Algumas vezes nos preocupamos tanto com conteúdo, aprendizagem, moral da história, datas comemorativas, são tantas preocupações que esquecemos que trabalhamos com crianças e que estas precisam ser tratadas como tal, preservando sua autonomia, protagonismo, exaltando suas habilidades e proporcionando trocas e novas experiências. É fundamental que como professores consigamos criar situações de aprendizagem para os nossos alunos, sabemos que não existem métodos ou fórmulas prontas, mas precisamos criar meios de atender as mais diferentes especificidades e assim atingir a todos.

A contação de histórias pode ser o momento em que através de personagens a criança experimente situações e sentimentos que espelham a realidade. “Quanto mais experiências com a realidade tiver a criança, melhor será sua capacidade imaginativa” (ZURK, 2008, p.). A contação de histórias como momento do diálogo, promotora de aprendizagem e aprendizagem em si.

Também queremos chamar atenção para uma questão de nomenclatura, a maioria das escolas tem uma *rotina* para as suas crianças, não estamos discutindo, acreditamos na importância de atividades repetidas diariamente para que as crianças desenvolvam um aprendizado, mas a palavra rotina pressupõem que será sempre igual e estamos cansados de ouvir que: “essa rotina cansa (...)”, a nossa sugestão é trocar a palavra rotina por *roteiro*,

assim a criança terá horários certos para determinado tipo de atividade, mas não terá o peso da palavra.

Podemos concluir falando da importância da intersecção história-narrador-ouvintes, pois é nela que acontece o diálogo. O valor dessa intersecção é a capacidade de pertencimento de todos, independente de dificuldades de aprendizagens quaisquer. É nela que o ouvinte deixa de ser passivo e passa a fazer parte, é um momento de socialização, de experimentação estética, de sentimentos e de emoções. É o instante do encontro, onde eu, a história e o outro podemos experimentar fazer parte de um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *A criança: recados e cuidados*, fascículo 18. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (coleção Sala de Aula)

BARROS, Leandro Gomes de e ROSINHA. *A história de Juvenal e o Dragão*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2010. (coleção Palavra Rimada com Imagem, 1)

LINHARES, Thais. *A vovó dragão*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Frente Editora, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias à Brasileira: -Pedro Malasartes e outras*. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. *Atividades Lúdicas para a Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Atenção! Crianças Brincando!* In. CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (Org.) *Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira infantil, aprendizagem e desenvolvimento: uma visão aproximada*. In. ICLE, Gilberto (Org.) *Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Vamos brincar?* In. CUNHA, Susana Rangel Vieira da. (Org.) *As artes no universo infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

TIERNO, Giuliano. *Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: A teia do invisível*. In. TIERNO, Giuliano (Org.) *A arte de contar histórias: abordagens poéticas, literária e performática*. 1ª edição. São Paulo: Ícone, 2010.

ZURK, Bernardo. *Imagina enquanto eu te conto*. In. FRITZEN, Celdon e MOREIRA, Janine. (Orgs.). *Educação e Arte: As linguagens Artísticas na formação humana*. Campinas: Papirus, 2008.